

As desventuras de Telifrão, mutilado pelas feiticeiras, sem nariz e sem orelhas, não são uma pilhéria e, no entanto, provocam uma explosão de riso: “Os assistentes apontam com o dedo, meneiam a cabeça para me designar; enquanto ficam vermelhos de rir, eu passo entre as pernas dos vizinhos ao meu lado e escapo, suando frio”.

Pérsio e Juvenal também praticaram o grotesco, à procura de algo além das aparências. A tomada de consciência do ridículo, do monstruoso e do absurdo provoca um soluço caótico e congelado que só tem as características físicas do riso: “Instrumento de arte, visão desestruturada do mundo, mas também construção de um universo que se quer total, o grotesco constitui o instrumento eficaz de uma análise lúcida, às vezes risível, mas cruel, do homem absurdo de todos os tempos”.⁴⁰ É por isso que o cômico grotesco só aparece num estágio tardio da evolução de mentalidades e da cultura em dada civilização. Resulta da constatação de quanto o mundo é incompreensível, constatação consecutiva a traumatismos coletivos que trincaram a fachada lógica das coisas e deixaram entrever, atrás das aparências, uma realidade proteiforme, sobre a qual não temos mais controle. O riso grotesco incide sobre a própria essência do real, que perde a consistência. É uma verdadeira desforra do diabo, uma vez que ele pulveriza a ontologia, desintegra a criação divina, reduzida ao estado de ilusão. Ao lado do riso irônico, constatação do absurdo, o riso grotesco é a constatação do não-lugar: dois risos cerebrais, reduzindo o ser ao absurdo e à aparência.

O primeiro é, de preferência, grego, mais intelectual, mais filosófico, mais sensível ao caráter irracional e ilógico da realidade. O segundo é, antes, romano, mais prático, mais sensível à dissipação do concreto, das leis físicas do mundo material. Para os dois, o cômico irrompe pelas brechas da fachada séria das coisas; mais que brechas, buracos que se abrem na textura lógica ou sensível do ser. Por essas aberturas, percebe-se o outro lado, e o choque sacode-nos nervosamente: esse riso é o grito de surpresa de um homem a quem o caos e o nada acabam de assaltar.

O RISO FESTIVO DAS SATURNAIS E DAS LUPERCAIS

A esses risos de intelectuais opõe-se o riso popular das festas coletivas. Mas ele não teria também um sentido “sobrenatural”? Divino ou

40 CALLEBAT, L. op. cit., p.111.

diabólico? Duas festas, sobretudo, chamam a atenção: as saturnais e as lupercais, em que o riso é o elemento essencial. Etnólogos e historiadores são quase unânimes quanto a sua significação. As saturnais, de início limitadas a um único dia (o 14 das calendas de janeiro, isto é, 17 de dezembro, antes do calendário juliano), depois estendidas a três dias (de 17 a 19 de dezembro) e, por fim, a uma semana (de 17 a 23 de dezembro), são destinadas a preencher a lacuna existente entre a duração do ano lunar, que serve de base ao calendário oficial, e a do ano solar, que rege o calendário dos trabalhos agrícolas. Esses poucos dias representam um vazio, um período roubado à direção de Zeus, soberano atual dos deuses e dos homens, e durante o qual Cronos-Saturno, o senhor do tempo, retoma sua posição dominante. O reino de Saturno foi, segundo os mitos, a idade de ouro. Trata-se, portanto, de um retorno mítico a essa época feliz e desaparecida, época de igualdade, de abundância, de felicidade. A alegria propiciada por esse retorno periódico manifesta-se pelo riso, e o riso alimenta-se dos rituais e das práticas que acompanham essas festas.

De início, são rituais de inversão. Tudo acontece ao contrário, já que o tempo está invertido. Inversão do dia e da noite: tochas e lanternas em pleno dia, presas às fachadas das casas no dia 1º de janeiro; aclamação de um “novo sol” à meia-noite; cantos e dança durante a noite. Saturno era, aliás, associado a Janus, o deus bifronte, de duas faces, olhando para a frente e para trás. Inversão de sexos: os homens vestem-se de mulher e cantam com voz de falsete, significando o retorno ao hermafroditismo primordial. Inversão social: todo mundo usa o chapéu de liberto, o *pileus libertatis*; os escravos comem com os senhores e podem dar-lhes ordens. Há uma ilustração disso na segunda sátira de Horácio, em que o autor se faz criticar por seu escravo em uma discussão sobre a loucura. Isso vai até a inversão da linguagem, com a utilização de um verdadeiro jargão, produzindo efeitos cômicos: “Essas festividades diversas aparecem como a expressão do tempo invertido. Durante 12 dias, em que grosserias e obscenidades são de preceito, rivalizam-se também canções paródicas, facécias e jogos de palavras. A prática da ‘língua verte’ (*vertere* = voltar), em que se invertem letras e sílabas e em que se deturpa o sentido das palavras, deve provocar o riso, complemento indispensável desses rituais, elemento determinante nesse período capital para a circulação das almas”.⁴¹

41 *Carnavals et mascarades*, sob a dir. de D'AYALA, P. G. E BOITEUX, M. Paris: 1988, p.47.

O processo de inversão e derrisão dura até a eleição de um rei cômico, que deve fazer rir e tem toda a licença durante uma semana. Esse costume só aparece com o Império. Tácito conta que Nero teria sido eleito, uma vez, por seus alegres companheiros e aproveitou para ridicularizar Britanicus: “Durante a diversão das saturnais, os jovens jogavam dados para saber quem seria o rei, e Nero ganhou; ele lhes deu ordens embaraçantes. Ordenou a Britanicus que viesse se colocar no meio deles e cantasse uma canção. Nero esperava provocar riso à custa do jovem rapaz, porque Britanicus não tinha por hábito participar de reuniões sóbrias, que dirá daquelas em que se podia beber”.⁴² Em outros círculos, a eleição do rei mistura o trágico com o cômico: o eleito era um escravo ou um condenado à morte, executado no fim de semana de licença. Segundo um documento cristão tardio, *Os atos de São Dásio*, na armada elegia-se um jovem recruta que era, em seguida, executado. Sem dúvida, trata-se de um exagero, que visa demonizar esse costume, do qual os cristãos se recusam a participar. De acordo com o documento, Dásio teria sido eleito, sob Diocleciano, para a armada do Danúbio e decapitado por se recusar a desempenhar seu papel.⁴³ Essa eleição de um rei confundir-se-á, mais tarde, com a entronização do “rei da fava”, designado por sorteio sob a forma de uma fava em um rodízio.

Também havia o hábito de fazer bolos – o que, no meio do inverno, é também uma forma de inversão, um retorno ao tempo do leite e do mel, do qual Saturno passa por inventor. Segundo Macróbio, os cireneus celebram seu culto coroando-se de galhos de figueira e enviando bolos uns aos outros. Oferecem-se as *sigillaria*, pequenas bonecas de argila ou pasta, com forma humana, e o “rei da fava”, eleito em 6 de janeiro, estaria na origem do ritual cômico do “rei bebe”: aqueles que não se associam a esse grito e a essa prática são lambuzados de preto, negro como a noite de lua nova. O riso coletivo da festa sempre teve esse lado obrigatório e intolerante.

Além disso, na noite de 31 de dezembro ou 1º de janeiro, vestem uma fantasia de cervo ou cabra selvagem para participar da mudança do tempo, à imagem dos cervídeos, cujos chifres caem e repontam cada ano. Usam-se máscaras, que podem servir para espantar os demônios ou a alma dos mortos, como lembra Georges Dumézil: “As figuras de mascarados, que vão do solstício do inverno ao equinócio da primavera, são quase sempre, entre outras coisas, seres informais: ou as almas dos mortos ou os demônios guardiães ou carrascos das almas”.

42 TÁCITO. *Anais*, XIII, 14.

43 CUMONT, F. “Os atos de São Dásio”. In: *Analecta Bollandiana*, XVI, 1897.

Será que todas essas motivações, elucidadas por nossos perspicazes etno-sociólogos, estão conscientes nas multidões romanas que se agitam alegremente nas saturnais? Ninguém o sabe. Há uma única certeza: o riso está por toda parte, obsedante, obrigatório, tirânico. Tudo contribui para isso: a licença, a inversão, as máscaras, o vinho. Mais que uma festa de Saturno, é uma festa do riso, e, como em todas as festas, o riso é mais ruidoso quando não se sabe do que se ri. O retorno à idade de ouro primordial é o retorno ao riso, e o riso retira o indivíduo de seu ambiente cotidiano, transgride os limites e as regras. É um riso-evasão que, como o riso grotesco, aniquila o mundo real, anula o tempo. Para que a ilusão seja completa, é preciso eliminar os refratários, os mantenedores do mundo sério, que, com sua face grave, lembram aos foliões que sua festa é uma mentira. É preciso sugá-los, lambuzá-los, zombar deles, submergi-los no riso coletivo dissolvente. Não há nada mais intolerante e impiedoso que uma assembléia de pessoas que riem.

Se o riso das saturnais é um retorno à idade de ouro, o riso das luperciais é o renascimento para uma vida nova, melhor. Essas festas, no meio de fevereiro, dão lugar a um ritual estranho em que o riso ocupa um lugar central, codificado. Plutarco, relatando esse costume, não compreende mais seu sentido. "Há coisas e costumes cuja causa e origem são difíceis de conjecturar: porque se matam cabras e trazem jovens de famílias nobres que são tocados, na frente, com a faca manchada do sangue das cabras imoladas e, em seguida, enxugam-nos com lã molhada no leite, e os rapazes devem começar a rir depois que lhes secam a frente; feito isso, corta-se o couro das cabras, fazendo correias com ele. Eles pegam as correias nas mãos, saem correndo pela cidade, nus, exceto por um pano que lhes cobre as partes íntimas, e batem com essas correias em todas as pessoas que encontram em seu caminho. Mas as mulheres jovens não fogem deles, mas ficam felizes por ser surradas, acreditando que isso as ajuda a engravidar facilmente."⁴⁴

O que significa esse riso? Plutarco cita as interpretações de sua época. Segundo o poeta Butas, trata-se da reminiscência da alegre carreira de Rômulo, depois de sua vitória sobre Amúlius. Uma explicação tão banal não poderia satisfazer nossos contemporâneos, ciosos da psicologia das profundezas. Para Salomon Reinach, o riso das luperciais significa a explosão da alegria que o renascimento propicia, depois do simulacro do sacrifício representado pelo episódio das cabras e da marca da faca ensangüentada sobre a

44 PLUTARCO. "Rômulo". In: *Vidas de homens ilustres*, trad. Amyot, xxxiii.

fronte. Para apoiar essa tese, esse autor assinala a existência de ritos de iniciação similares na África central. A aproximação com o episódio bíblico de Isaac é também esclarecedora, quando se pensa que Isaac, em hebreu, significa “aquele que ri”.

A explicação para o riso como signo de renascimento é tanto mais verossímil porque encontramos entre os gregos os mitos, como o de Deméter, que vão no mesmo sentido. Tanto o riso de retorno à vida como o riso de retorno à idade de ouro demonstram que o riso coletivo organizado tem um valor mágico de salvação, que nos faz escapar, provisoriamente, do mundo real. O que não é assunto para as autoridades deste mundo: as saturnais desaparecem na época do Baixo Império, quando o poder político se torna totalitário. “O opressor não se compõe com o riso: é a homenagem que ele presta ao seu poder”, escreve Maurice Lever.⁴⁵

Em qualquer época, o poder político não fica à vontade diante da festa como atualização do mito. A dimensão sobrenatural do acontecimento o ultrapassa e lhe proíbe as intervenções autoritárias que teriam ares de sacrilégio. Mas os riscos de exacerbação o inquietam. Então ele fixa limites cronológicos, restringindo as festividades a um período preciso, e esses parênteses festivos terminam por reforçar o estado de coisas existentes: festas de um retorno mítico ao caos original, permitindo rejeitar a criação da ordem pela condenação à morte do bufão; festas de um retorno mítico à idade de ouro, permitindo representar o mundo às avessas, confirmando em negativo a idéia hierárquica e reintegrando o real pela execução do rei cômico. De qualquer forma, o riso é a manifestação desses retornos, seja ao caos, seja à idade de ouro; ele rompe a trama cerrada da vida cotidiana e assegura-se de sua solidez diante das forças animais, instintivas – assim como o arco das pontes permite canalizar as ondas tumultuosas e atravessá-las sem dificuldade, ao passo que uma muralha compacta cederia sob a pressão.

O RISO CATÁRTICO DA COMÉDIA

A comédia latina desempenha um papel quase idêntico, ao mesmo tempo catártico e conservador. Em 1973, Luciano Perelli, em *Il teatro rivoluzionario di Terenzio*, sustentou a tese contrária a propósito das peças de Terêncio, que balançam a moral burguesa tradicional, boicotam, pela ironia, a psicologia

45 LEVER, M. *Le Sceptre et la marotte. Histoire des fous de cour*. Paris: 1983, p.19.